



PREVENÇÃO DA DOENÇA RENAL: CONHECENDO O PERFIL CLÍNICO EPIDEMIOLÓGICO DOS USUÁRIOS DO ESF JARDIM PRIMAVERA NO MUNICÍPIO DE CRUZ ALTA

SILVA, Priscila Morgan da¹; MARISCO, Nara da Silva²

Palavras chaves: Prevenção. Doença Renal. Estratégia Saúde da Família.

Introdução

A Doença Renal Crônica constitui hoje em um importante problema de saúde pública. No Brasil, a prevalência de pacientes mantidos em programa crônico de diálise mais que dobrou nos últimos oito anos. Esta doença consiste em lesão renal e perda progressiva e irreversível da função dos rins. Em sua fase mais avançada, os rins não conseguem mais manter a normalidade do meio interno do paciente (ROMÃO JUNIOR, 2004). O autor, comenta que a detecção precoce da doença renal e condutas terapêuticas apropriadas para o retardamento de sua progressão pode reduzir o sofrimento dos pacientes e os custos financeiros associados à doença. Para contribuir na saúde da população, foram criadas políticas de saúde com novas estratégias as famílias, compreendendo-a como elemento chave no cuidado com a saúde de seus membros e na melhoria da qualidade de vida.

Nesse contexto, se insere a Estratégia de Saúde da Família, com atuação na otimização da prevenção da doença renal tendo como pressuposto a natureza múltipla dos fatores de risco que envolve a doença, requerendo, uma abordagem integral e interdisciplinar, competências atribuíveis aos profissionais de atenção primária de saúde. Não é incomum que os indivíduos que compõem o chamado grupo de risco para a doença (diabéticos, hipertensos, idosos, familiares de pacientes em terapia renal substitutiva, os portadores de doença cardiovasculares) sejam inicialmente atendidos pela equipe de ESF e, para evitar o encaminhamento tardio para atenção nefrológica, é importante que estes profissionais possuam conhecimento sobre a doença, suas principais complicações e comorbidades e estejam familiarizados com as principais medidas que interrompem ou diminuem a perda da função renal (BASTOS e BASTOS, 2007).

A atuação do enfermeiro na prevenção e progressão da doença renal se dá a partir das necessidades reais da clientela. É preciso detectar os grupos de risco, bem como os indivíduos com a doença instalada, nos quais a avaliação da função renal é imprescindível. Quanto as atividades do enfermeiro na estratégia deve ir além de conhecer o estadiamento da

¹ Acadêmica do Curso de Enfermagem - pri.morgan@hotmail.com

² Docente do Curso de Enfermagem – Mestre em Enfermagem –naramarisco@gmail.com



doença, deve intervir junto aos usuários. O enfermeiro possui importante papel de cuidador e educador, além do compromisso ético e profissional, que o torna um dos grandes responsáveis por sistematizar e incentivar o autocuidado, desenvolver atividades educativas de promoção de saúde, reduzir a incidência da doença, bem como buscar a melhoria da qualidade de vida (TRAVAGIM; KUSUMOTA, 2009).

Assim, este estudo tem por enfoque a prevenção da doença renal, buscando contribuir com os estudos na área de Nefrologia por meio do delineamento do perfil epidemiológico dos usuários de uma Estratégia de Saúde da Família.

Metodologia

Este estudo foi realizado na Estratégia Saúde da Família Jardim Primavera do Município de Cruz Alta -RS, no período de janeiro a outubro de 2011. Pesquisa epidemiológica, com abordagem quali-quantitativa, exploratória descritiva. A população foi formada pelos usuários atendidos pela estratégia em questão e a amostra foi composta por 50 usuários atendidos que aceitaram a participar do estudo. Os dados coletados dos prontuários foram dados de aspectos clínicos e sócio-econômicos. Para coleta de dados relativos a prevenção da doença renal, foi utilizado um instrumento validado do tipo entrevista, utilizando a Ficha Unificada de Atendimento Previna-se preconizada por Kirsztjn (2007). Para análise dos dados foi utilizado a estatística descritiva, representada pelas médias das frequências encontradas.

Resultados e Discussão

Os dados mostraram uma maior frequência de mulheres em 60%, maioria branca em 54%, do lar em 44%, a maioria, 80%, possui renda mensal de até um salário mínimo, evidenciando uma miserabilidade latente dos usuários da ESF. Embora a situação econômica do paciente que possa vir a desenvolver DRC não seja um fator que contribua para o surgimento da doença, indivíduos com grau de escolaridade maior e culturalmente mais elevados possuem maior consciência de buscar tratamento. Observou-se que 12% dos usuários são diabéticos e 30% são hipertensos. Para Barros et al, (1999) diabetes mellitus é uma das causas mais comuns para o surgimento da insuficiência renal crônica. Romão Júnior (2004) coloca que portadores de hipertensão arterial, têm maior probabilidade de desenvolverem insuficiência renal crônica. Como a Hipertensão tem maior incidência em homens, pode-se relacionar este dado à doença de base que causou a insuficiência renal. Os resultados mostraram que 16% dos usuários são fumantes. O tabagismo, juntamente com a hipertensão e as doenças cardiovasculares constituem fatores de risco para o desenvolvimento e progressão da Doença Renal Crônica. O fumo possui efeitos



vasoconstritores trombolíticos e age direto no endotélio vascular, ocasionando a falência renal. Em relação aos familiares com diabetes, constatou-se que 36% dos usuários referiram possuir familiar com diabetes e 32% com familiares com hipertensão arterial. O fator genético influencia sobremaneira na incidência da diabetes mellitus, normalmente há uma clara incidência do fator familiar ao surgimento da diabetes. (FRANCO, 1998). Em relação à familiares com Doença Renal, 2% dos entrevistados responderam afirmativamente, e familiares com doenças cardiovasculares o percentual chegou a 6%. A predisposição genética da Doença Renal crônica já foi demonstrada pelo fato de que há uma maior prevalência entre familiares de primeiro e segundo grau do que em indivíduos de uma comunidade. Também constatou-se que 84% dos sujeitos são sedentários, sendo que o sedentarismo, por si só, não leva diretamente o indivíduo a desenvolver DRC. Constatou-se que a maioria dos sujeitos não sabem se possuem alguma doença, com 60% dos resultados e os demais disseram que possuem, com 40% dos dados. Dentre as doenças mencionadas tivemos: Acidente Vascular Encefálico, Cistite, Depressão, Infarto do Miocárdio, Incontinência urinária e Transtorno Bipolar. Em relação às médias de pressão arterial dos usuários do ESF, a média foi de 135,2x64,7 sendo considerada no estágio normal-limítrofe, segundo as Diretrizes Brasileiras de Hipertensão Arterial (2007); o Índice de Massa corporal ficou em 24,87 e a Circunferência Abdominal em 69,53 centímetros. Em relação a presença de doença renal, os dados mostraram que todos os investigados, ou seja 100% referiram não apresentar doença renal, no entanto a incidência e a prevalência da doença renal em estágio terminal tem aumentado progressivamente, a cada ano, em proporções epidêmicas, no Brasil e em todo o mundo. O custo elevado para manter pacientes em tratamento renal substitutivo (TRS) tem sido motivo de grande preocupação por parte de órgãos governamentais, que em nosso meio subsidiam 95% desse tratamento. Apesar de inúmeros esforços para se coletar dados a respeito de pacientes com IRCT no Brasil, ainda não temos um sistema nacional de registro que forneça anualmente dados confiáveis do ponto de vista epidemiológico (SESSO, 2011).

Considerações Finais

Com este estudo foi possível determinar o perfil clínico e epidemiológico relacionados à Doença Renal Crônica nos usuários adscritos no ESF Jardim Primavera do Município de Cruz Alta-RS. Em relação, ao grau de risco para Doença Renal Crônica, pode-se observar que no público pesquisado não houve nenhum diagnóstico de Doença Renal Crônica, mas há percentuais significativos pertencentes ao grupo de risco para desenvolver a doença. Desta forma, apesar de parte dos usuários entrevistados apresentarem fatores de risco ainda não ocorreu o surgimento da doença, destacando a caráter crônico da mesma, enfatizando a



necessidade de estratégia em questão implantar um programa de prevenção à doença. Desta forma, é fundamental a criação e a manutenção a longo prazo de um sistema de informações com registro, análise e divulgação de dados epidemiológicos de pacientes com insuficiência renal crônica em fase não terminal e em tratamento renal substitutivo no país, para que seja possível melhor planejamento da assistência e melhor efetividade do tratamento.

Referências

BARROS, Elvino.; MANFRO, Roberto.; THOMÉ, Fernando.; GONÇALVES, Luiz Felipe. **Nefrologia: Rotinas, diagnósticos e tratamento.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, 1999.

BASTOS, Rita Maria Rodrigues.; BASTOS, Marcus Gomes. Inserção do Programa de Saúde da Família na Prevenção da Doença Renal Crônica. **J. Bras Nefrol.** Volume XXIX - nº 1 - Supl. 1 - Março de 2007.

DYNIWICZ, Ana Maria.; ZANELLA, Eloísa Zanella.; KOBUS, Luciana Schleder Gonçalves. **Narrativa de uma cliente com insuficiência renal crônica: a história oral como estratégia de pesquisa.** Revista Eletrônica de Enfermagem, v. 06, n. 02, p. 199-212, 2004. Disponível em: < www.fen.ufg.br.> Acesso em novembro de 2011.

FRANCO, LJ. **Epidemiologia do Diabetes Mellitus.** In: Lessa I. O adulto brasileiro e as doenças da modernidade. São Paulo (SP): HUCITEC-ABRASCO; 1998. p.123-38.

KIRSZTAJN, Gianna Mastroianni.; BASTOS, Marcus Gomes. **Proposta de Padronização de um Programa de Rastreamento da Doença Renal Crônica.** J Bras Nefrol Volume XXIX - nº 1 - Supl. 1 - Março de 2007.

ROMÃO JÚNIOR, João Egidio. **Doença Renal Crônica: Definição, Epidemiologia e Classificação.** J. Brás. Nefrol. Volume XXVI. Nº.3. Supl. 1. Agosto de 2004. ROMÃO JÚNIOR, João Egidio. Doença Renal Crônica: Definição, Epidemiologia e Classificação. **J. Brás. Nefrol.** Volume XXVI. Nº.3. Supl. 1. Agosto de 2004.

SESSO, Ricardo. **Epidemiologia da Doença Renal Crônica no Brasil e sua Prevenção.** Secretaria de Estado da Saúde - Coordenadoria de Controle de Doenças - Centro de Vigilância Epidemiológica. Disponível em: ftp://ftp.cve.saude.sp.gov.br/doc_tec/cronicas/irc_prevprof.pdf. Acesso em novembro de 2011.

TRAVAGIM, Darlene Suellen Antero.; KUSUMOTA, Luciana. Atuação Enfermeiro na Prevenção e Progressão da Doença Renal Crônica. **do Rev. enferm. UERJ,** Rio de Janeiro, 2009 jul/set; 17(3):388-93.